Uma reflexão sobre a orientação [1]

Ao procurar ajudar as famílias a preservar e a desenvolver os seus capitais humanos e intelectuais, procuro histórias de indivíduos cujas trajetórias reflitam uma aprendizagem ao longo da vida bem-sucedida. Interesso-me por pessoas cujas vidas refletem percursos bem-sucedidos na busca aristotélica da felicidade. Ao estudar estas pessoas, redescubro, através das suas palavras e ações, que muitas delas atribuem o seu sucesso, em cada etapa sucessiva da sua jornada de aprendizagem, aos mentores que as ajudaram. Como tive a sorte de ter mentores na minha vida, é-me fácil concordar com o quão corretas são essas atribuições.

Qual é a base e o processo para uma relação de mentoria bem-sucedida? Os antigos gregos tinham um ditado: «quando o aluno estiver pronto, o professor aparecerá». Na minha experiência, os gregos tinham toda a razão. Continuo a constatar, na minha prática, que, de alguma forma mágica, quando o futuro aluno anuncia a sua prontidão para aprender, o professor aparece de facto. Além disso, encontro, no fundo dessa declaração de prontidão, a verdadeira humildade da pessoa pronta para se tornar aprendiz de um mestre e, com ela, a capacidade de honrar a sabedoria do outro. Cada vez mais me apercebo de que uma virtude essencial para uma vida bem-sucedida é a humildade, a antítese da arrogância. A humildade permite que um ser humano reconheça o que não sabe e procure outras pessoas — a quem chamamos professores — que possam dar respostas às suas perguntas. Este processo de busca é um ritual que é antigo e, ao mesmo tempo, absolutamente moderno. É um ritual que, na minha opinião, deve preceder qualquer esforço de aprendizagem bem-sucedido.

Acredito que a aprendizagem ocorre melhor através do método socrático de questionamento. Receber as respostas dos professores é útil, mas ser conduzido pelo professor até à resposta por meio de perguntas aprofunda a integração do que se aprende por parte dos alunos. O questionamento torna muito mais provável que o que se aprende permaneça na memória útil dos alunos.

Os grandes mentores, ao contrário dos professores, quase nunca fornecem respostas. Em vez disso, procuram

fornecer aos seus orientandos as perguntas que acreditam que melhor conduzirão à aprendizagem que é única para o indivíduo que está a ser orientado. Uma resposta genérica à pergunta de um orientando ajudará a sua educação geral, mas raramente conduz a uma aprendizagem útil que o orientando possa integrar imediatamente na sua vida. Uma relação de mentoria levará o mentorado a descobrir, através da arte do mentor, um processo de aprendizagem que será único para ele ou ela e que poderá ser utilizado ao longo de toda a sua vida. É a descoberta do processo de como eu aprendo, e não de como os outros aprendem, que constitui a aprendizagem profunda encontrada em todas as grandes experiências de mentoria.

Tendo agora compreendido os fundamentos e o processo de mentoria, como é que se encontra um mentor?

Em primeiro lugar, o mentorado deve perguntar-se o que, exatamente, nesta fase da sua vida, procura aprender. Será um conjunto de conhecimentos? Será uma compreensão mais profunda de si mesmo? Por outras palavras, na minha jornada de vida, estou num ponto em que desejo aprender mais sobre o meu intelecto e o meu papel no mundo e olhar para o exterior; ou quero aprender mais sobre a minha intuição, o meu eu interior, e olhar para o interior? Muitas vezes acreditamos que estamos à procura de algo externo quando, na verdade, estamos a mudar internamente e é aí que devemos procurar em primeiro lugar. Muitas das tradições místicas dizem-nos que o intelecto é o produto da intuição, que as nossas mentes são reflexos dos nossos espíritos. Na minha própria vida, constato frequentemente que, quando o meu intelecto me diz que estou numa encruzilhada na minha própria jornada e que tenho de tomar uma decisão, na verdade já, através da minha intuição, resolvi a questão e já estou bem avançado num dos caminhos, olhando para trás, para a encruzilhada que fica para trás. Compreender qual é a questão que estamos realmente a colocar — se é exterior ou interior, se é uma questão de intelecto ou de espírito — é fundamental para que, enquanto mentorado, saibamos onde procurar um mentor.

Em segundo lugar, quando o mentorado tiver definido a questão para a qual procura uma resposta, a próxima etapa crucial na procura de um mentor é começar a fazer essa pergunta às pessoas em quem mais confiamos. Nesta fase da jornada para encontrar um mentor, o mentorado deve ter a coragem de se mostrar vulnerável. O mentorado deve estar disposto a abandonar a sua ansiedade natural em pedir ajuda aos outros e aquela sensação, muitas vezes temida, de dívida que advém

de pedir ajuda a alguém. Enquanto o mentorado resistir conscientemente a este ato de entrega, não estará verdadeiramente pronto para aprender e, pela minha experiência, o mentor não aparecerá. Quando o mentorado tiver abandonado esse medo e se tiver aberto ao compromisso consciente com outra pessoa — necessário para ser orientado com sucesso —, o mentor aparecerá. Por que razão será assim? Simplesmente porque aqueles em quem mais confiamos, o nosso círculo íntimo, sabem quando estamos prontos para a nossa próxima aprendizagem. Quando conseguimos convencê-los de que estamos verdadeiramente dispostos a iniciar essa aprendizagem, eles ajudam-nos a encontrar o mentor.

Muitas vezes, os membros do círculo íntimo do mentorado, no início do processo, não têm mais ideia de onde encontrar o mentor do que o próprio mentorado. Trabalhando em conjunto e utilizando as múltiplas relações externas de que cada grupo dispõe, o mentor é quase sempre encontrado. No mundo de hoje, este processo é facilitado pelos sistemas de informação de que a nossa sociedade dispõe; imagine como este processo era muito mais difícil para as pessoas em pequenas cidades e aldeias antes de tais sistemas existirem. No processo de procura de um mentor, sou frequentemente confrontado com pessoas que afirmam não ter um círculo íntimo. Até agora, sempre descobri que isso não é verdade. Em cada caso, descobri que algumas perguntas delicadas conduzem a uma lista de pessoas prestáveis; uma lista que parece ter ficado oculta ao mentorado devido à sua ansiedade em pedir ajuda. Mais uma vez, não se pode iniciar a jornada de aprendizagem sem pedir ajuda; é o ato crucial para que a aprendizagem ocorra.

Em terceiro lugar, o respeito pela relação por parte do mentor e do mentorado pode, e frequentemente leva, à expansão da relação à medida que surgem novas questões. Em última análise, a jornada de aprendizagem ao longo da vida do mentorado conduzirá a novos desafios para os quais serão necessários diferentes mentores. No início desta Reflexão, citei o antigo ditado grego: «quando o aluno estiver pronto, o professor aparecerá». Gostaria agora de acrescentar algumas palavras minhas: «quando o aluno estiver pronto, o professor desaparecerá». Todas as relações de mentoria bem-sucedidas dependem de terminarem da mesma forma que começaram. Os grandes mentores que conheci parecem saber sempre instintivamente quando o mentorado está pronto para seguir em frente e quando a aprendizagem que lhes proporcionaram está concluída.

Estes grandes mentores preparam o caminho para o fim da relação da mesma forma que os grandes mestres de xadrez estão sempre a antecipar três ou quatro jogadas. Para o mentorado, este processo é opaco, e deve sê-lo, para que o processo de aprendizagem em curso não seja interrompido antes da sua conclusão adequada. Por vezes, o fim da relação mentor/mentorado é tempestuoso. Este é um risco inerente ao fim de qualquer relação suficientemente profunda para que ocorra uma verdadeira aprendizagem e parceria. Os grandes mentores podem até decidir que, para um
um determinado mentorado, uma tempestade seja a única forma de o espírito deste se libertar da relação, para que possa seguir em frente. Seja qual for o fim da relação (um abraço caloroso e um aceno de mão são certamente melhores do que lágrimas e ameaças), o mentor e o mentorado devem estar sempre preparados para reconhecer, desde o início da relação, que esta é, pela natureza da jornada de aprendizagem ao longo da vida do mentorado, temporária. Reconhecer a natureza transitória desta relação desde o início constitui a melhor garantia para a sua conclusão bem-sucedida. Para o mentorado, a consciência de que precisará de muitos mentores para enfrentar as várias etapas da sua jornada é uma parte essencial da relação. Para o mentor, a consciência do papel agridoce do verdadeiro professor é crucial para a objetividade necessária para que o mentorado obtenha toda a sabedoria que o mentor pode oferecer. O mentor, que se consegue dedicar por inteiro ao processo de aprendizagem único que levou o mentorado a escolhê-lo como mentor, sabendo ao mesmo tempo que, eventualmente, o mentorado terá de seguir em frente, é o verdadeiro mentor. Tal como um pai ou uma mãe, o mentor é um intercessor, proporcionando perguntas e sabedoria para a jornada da vida. A minha experiência de vida diz-me que uma relação de mentoria bem-sucedida representa a relação mais elevada que dois seres humanos podem criar. Cada parte deve entrar na relação com total confiança, com fé na possibilidade de um resultado bem-sucedido, mas sem qualquer certeza quanto a isso; e com a profunda humildade do novato que busca sabedoria e a humildade ainda mais profunda do sábio que sabe o quão pouco, na verdade, sabe.

Quando trabalho com famílias, há duas perguntas para as quais procuro respostas de cada membro da família no início da nossa jornada em conjunto. O que te apaixona? E quem é o teu mentor?

A primeira pergunta tem como objetivo descobrir a jornada única para a qual cada membro da família é chamado. A segunda pergunta visa compreender como cada membro da família

está a seguir a sua vocação, pois estou certo de que ninguém consegue trilhar com sucesso o seu caminho de aprendizagem ao longo da vida sem o mentor necessário para essa fase da jornada. O rei Filipe da Macedónia compreendeu este facto quando recorreu a Aristóteles para ser o mentor do seu próprio Alexandre, a fim de o preparar para ser rei da Macedónia. Filipe sabia que tinha ensinado a Alexandre tudo o que podia, enquanto pai. Para que o jovem avançasse para a fase seguinte da sua jornada, precisava de um mentor. Mal sabia Filipe que, ao escolher Aristóteles, o mentor transformaria o rapaz não só num rei, mas no imperador do mundo: Alexandre, o Grande.

A mentoria é uma vocação. Ao procurar mentores, procure alguém que tenha vocação para esse papel e, acima de tudo, que esteja à altura das questões específicas dessa fase da sua vida. Desconfie de pessoas que sugerem saber muito; sinta-se atraído por pessoas que, segundo a sua própria intuição, parecem saber muito, mas professam saber pouco.

Copyright ©1999 por James E. Hughes, Jr.

---

[1] Gostaria de dedicar esta Reflexão a John O'Neil, agradecendo-lhe pelas muitas questões profundas que me colocou a mim e a tantos outros.